

## “ROSA BAGUALA 2025”: REVISITANDO A POÉTICA CRÍTICA ÀS TRADIÇÕES HEGEMÔNICAS DA ARTISTA BERÊ FUHRO SOUTO

MIRIAM BROCKMANN GUIMARÃES<sup>1</sup>; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS<sup>2</sup>;  
CARMEN ANITA HOFFMANN<sup>3</sup> MARCO AURÉLIO DA CRUZ SOUZA<sup>4</sup>

*Universidade Federal de Pelotas – brockmannmiriam48@gmail.com*

*Universidade Federal de Pelotas – thiago.amorim@ufpel.edu.br*

*Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br*

*Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido no Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel (NUFOLK), vinculado ao Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq). O tema central versa sobre a obra Rosa Baguala (2010), da coreógrafa Berê Fuhro Souto, concebida como produção artístico-política que contesta feminicídio, padrões normativos de gênero e cultura no sul do Brasil. A pesquisa revisita o espetáculo analisando sua potência poética, crítica e decolonial no contexto da dança contemporânea, a partir do cenário de cultura tradicional gaúcha, e destaca o legado da artista na cidade de Pelotas/RS.

### 2- METODOLOGIA

O estudo foca no trabalho das intérpretes-criadoras, protagonistas da obra, e na importância de sua atuação para o campo estético feminino gaúcho, em diálogo com as relações de poder e os espaços ocupados pela mulher no mundo.

Essa abordagem permitiu compreender a obra como manifestação híbrida, articulando dança, teatro, música e narrativa literária, e ao mesmo tempo como espaço de reflexão crítica e social.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em memórias artísticas da pesquisadora, processos de criação coreográfica e análise de espetáculos. O percurso metodológico articula diferentes camadas de experiência, documentação e reflexão crítica. Experiência da pesquisadora: vivência como monitora voluntária do Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel (NUFOLK), revisitando a obra e memórias da coreógrafa Berê Fuhro Souto. Essa experiência se soma a trabalhos realizado pela pesquisadora anteriormente: o TCC em Dança (Tempos Brancos: uma poética sobre a memória), a dissertação de mestrado (Na presença dançamos melhor com a vida) e a produção audiovisual Memória Coreografada, todos vinculados a pesquisa do Centro Contemporâneo Berê Fuhro Souto.

As fontes documentais e artísticas acessadas foram: entrevistas, registros audiovisuais, fotografias, arquivos pessoais e públicos, além de materiais provenientes da trajetória da artista Berê Fuhro Souto e de seu centro cultural.

<sup>1</sup>[https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=A57C7E65B7AE514AE254AE4A6058E2A8](https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=A57C7E65B7AE514AE254AE4A6058E2A8)

<sup>2</sup> <https://institucional.ufpel.edu.br/servidores/id/36276>

<sup>3</sup> <https://institucional.ufpel.edu.br/servidores/id/136381>

<sup>4</sup> <https://institucional.ufpel.edu.br/servidores/id/180395>

Os referenciais literários: a obra *No Manantial*, de João Simões Lopes Neto, que inspirou a criação do espetáculo *Rosa Baguala*, servindo como intertexto na articulação entre literatura, dança contemporânea e memória popular.

A metodologia também se ancora na noção de memória coreografada, compreendendo a dança como prática investigativa que, ao revisitá-las e intérpretes-criadoras, amplia a compreensão do papel da arte na crítica social. Assim, a análise de *Rosa Baguala* parte da relação entre arte, memória e cultura popular, situando o espetáculo como um gesto político que revisita tradições gaúchas ao mesmo tempo em que tensiona padrões normativos de gênero e denuncia o feminicídio.

### 3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Num viés crítico-poético, *Rosa Baguala* estreou em 2010, consolidando-se como obra de linguagem híbrida, na qual a narração do personagem Blau Nunes — figura marcante da literatura regional — foi transposta ao gesto. Essa relação entre literatura e dança ecoa a ideia de que, ao lemos uma obra, também nos tornamos (co)autores, em busca de identidades perdidas na cultura da homogeneização.

A diretora Berê Fuhro Souto costumava trabalhar a partir de múltiplas linguagens artísticas — dança, textos, poemas, trilha sonora original e material audiovisual — criadas de forma coletiva durante o processo de composição. Em *Rosa Baguala*, essa dimensão interdisciplinar contou com a colaboração do músico Luciano Oxley, responsável pela trilha sonora original, além da participação, em algumas apresentações, de outros artistas de Pelotas, como Vítor Ramil.

*Rosa Baguala* articula aspectos artísticos e críticos da cultura tradicional e da cultura local, reinterpretados por artistas da dança de forma a tensionar os padrões normativos gaúchos. O espetáculo foi apresentado em diferentes momentos por diversas intérpretes-criadoras: Jaqueline Pradie (em sua criação), Mônica Borba, Cristiane Cardoso, Denilson Cosseres e Débora Allemand. Cada qual imprimiu novas leituras à obra.

Algo muito importante estava, então, em relevo: a ideia de autoria, a autonomia do dançarino. Pois, ainda que fosse mantida a necessidade de reprodução da essência do movimento, constituído por suas qualidades - em relação ao espaço, tempo, peso e fluência -, a abstração conferia, de certo modo, maior liberdade na interpretação, favorecendo a assinatura pessoal do(a) dançarino(a) na execução da dança (Ribeiro; Teixeira, 2008 pág. 4).

Nessas diferentes criações, emergiram reflexões sobre o machismo e a luta das mulheres por direitos básicos, reafirmando o caráter político e feminista da criação de Berê Fuhro Souto. Pensando em sua materialidade, surge uma bailarina de bombacha com um corpete feminino.

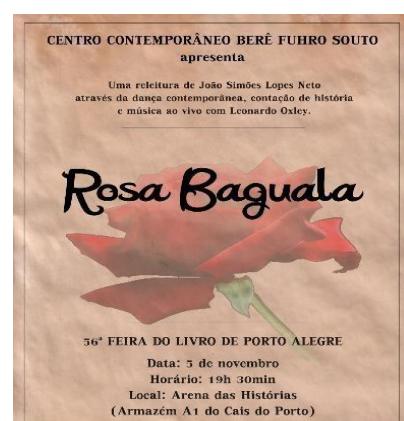
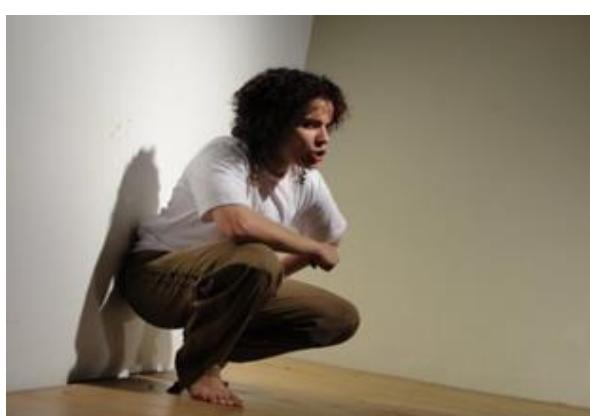
Este olhar sobre as intérpretes-criadoras é fundamental para compreender a força crítica da obra. Jaqueline Pradie, em sua primeira apresentação, trouxe à cena a búbialidade da mulher com figurino de bombacha, camisa solta e voz em performance de dança-teatro. Cristiane Oliveira, também em bombacha, aprofundou a reflexão sobre gênero. Mônica Borba apresentou uma versão solo da obra, reafirmando sua autonomia cênica clássica. Essas leituras distintas reforçam o caráter coletivo, autoral e feminista da criação.

A crítica estética e política se expressa nos figurinos (como o uso da bombacha combinada ao corpete), nas trilhas musicais (Luciano Oxley, Vítor Ramil) e nas narrativas decoloniais, que denunciam padrões de gênero e reafirmam vozes femininas historicamente silenciadas.



**Imagens 1 e 2:** acervo do espetáculo “Rosa Baguala” do centro contemporâneo Berê Fuhro Souto  
**Imagen 2:** Intérprete criadora Jaqueline Pradie na primeira apresentação; Intérprete criadora Cristiane Oliveira que aparece de bombacha trazendo a reflexão sobre gênero, a diretora Berê transgredindo pensares decoloniais em suas obras, ao lado a performance em dança teatro pela artista/intérprete criadora Mônica Borba que também apresentou um solo do espetáculo “Rosa Baguala”.

<https://palavracoreografad.wixsite.com/centrocontemporaneo/rosabaguala?lightbox=datasitem-igbeqahu1>



**Imagens 3 e 4:** intérprete criadora Jaqueline Pradie representando a biculturalidade da mulher com figurino de bombacha, camisa solta e sua voz em cena de dança - teatro. Cartaz do espetáculo no armazém do cais do porto em POA. [Fonte:https://centro-bere.blogspot.com/search?updated-max=2010-11-01T19:33:00-07:00&max-results=7](https://centro-bere.blogspot.com/search?updated-max=2010-11-01T19:33:00-07:00&max-results=7)

Nesse contraste, divaga-se sobre as memórias do conto que trata de um feminicídio na abordagem do personagem da mulher que é morta e seu corpo desaparece no manancial. Em diferentes versões, sempre marcadas por músicas de tradição local, as intérpretes-criadoras se transformavam em cena, explorando voz e movimento com ênfase teatral. O espetáculo foi apresentado em diversos locais e, em algumas ocasiões, contou com apenas uma intérprete-criadora, o que reforça sua maleabilidade cênica. A obra trouxe à cena a leitura musical de instrumentos gaúchos e a narração de trechos de “No Manancial”.

O espetáculo circulou por diferentes espaços culturais. Em Pelotas, foi apresentado no projeto Sete ao Entardecer, em 5 de outubro de 2015, na Fábrica Cultural. Em Porto Alegre, integrou a 56ª Feira do Livro, em 5 de novembro de 2010, no espaço Arenas das Histórias, no Armazém A1 do Cais do Porto. Nesse mesmo ano, no dia 6 de novembro, realizou apresentação única na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, dentro do Projeto Estação Cultural. Essas

apresentações evidenciam o caráter híbrido de Rosa Baguala, descrito como espetáculo de contação de histórias, dança e música em tempo real.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise de Rosa Baguala evidencia que a obra propõe um questionamento à cultura tradicional dominante gaúcha e ressignifica elementos desta cultura por meio da dança contemporânea. O espetáculo é engajado, feminista e comprometido com a diversidade de corpos, vozes e narrativas, dialogando com temáticas como gênero, memória, folclore e identidade regional.

O legado de Berê Fuhro Souto é reafirmado como símbolo de resistência estética e política, especialmente no contexto sulista da dança contemporânea. Sua atuação reforça a valorização de artistas locais e da cultura popular como elementos centrais de práticas decoloniais e de reconstrução de identidades, articulando também ativismo social em temas como inclusão, antirracismo, feminismo, sustentabilidade, gênero, transfobia e homofobia.

A obra evidencia ainda a importância do protagonismo das intérpretes-criadoras, cuja autonomia nas apresentações cênicas e assinatura pessoal nos movimentos consolidam a potência crítica do espetáculo. As múltiplas apresentações e adaptações de Rosa Baguala demonstram a capacidade da obra de se reinventar, mantendo sua força poética e social, e reforçando a relevância da dança contemporânea como espaço de reflexão e resistência.

Por fim, revisitar Rosa Baguala por meio da pesquisa, da extensão e da atuação do NUFOLK contribui para a difusão do patrimônio cultural gaúcho, para o reconhecimento da produção artística feminina e para o fortalecimento de práticas de arte engajada que dialogam com questões sociais e políticas contemporâneas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Scialom, M., & Fernandes, C. (2022). **Prática artística como pesquisa no Brasil: Algumas reflexões iniciais**. Revista De Ciências Humanas, 2(22). Recuperado de <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14230>

RIBEIRO, Mônica Medeiros; TEIXEIRA, Antônio Lúcio. **Aprender uma coreografia: contribuições das neurociências para a dança**. Neurociências, v. 4, n. 4, 2008.

GUIMARÃES, Miriam Brockmann. **“Na presença dançamos melhor com a vida”:** Berê Fuhro Souto. 2020.